

Editorial

POBRE
ÁFRICA

O vírus do ebola foi descoberto em 1976. No entanto, só nos últimos dez anos é que os cientistas vêm trabalhando no sentido de criar uma vacina capaz de evitar o contágio. Por outro lado, a ciência sabe como deter o ebola: ela conhece os mecanismos de controle da doença.

No caso, trata-se da ciência praticada pelos países desenvolvidos. Um “medicamento secreto” foi aplicado sobre dois médicos norte-americanos infectados, e seu estado de saúde melhorou. Uma vacina foi aprovada em 80% a 90% dos testes realizados em macacos.

No entanto, nada disso foi aplicado, até hoje, em benefício da população de países da África Ocidental. Desde fevereiro que um surto mata cidadãos na Guiné, na Libéria e em Serra Leoa, os países mais atingidos. Quase 900 morreram entre mais de 1.300 infectados.

Segundo a OMS, a doença mata 90% dos infectados. O surto atual é o mais grave desde a descoberta da doença. Os esforços para controlá-la se concentram na prevenção, com o isolamento dos pacientes e o sepultamento mais rápido dos mortos pela enfermidade.

A doença ainda não saiu da África, mas os países ocidentais temem sua expansão. Alguns estão aconselhando seus cidadãos a não viajarem para as regiões atingidas. Companhias aéreas suspenderam voos, e aeroportos estão examinando os passageiros vindos de lá.

No continente africano, cidades e aldeias afetadas estão sendo isoladas. O vírus não se propaga pelo ar, mas pelo contato direto com o sangue e os fluidos corporais dos infectados. Os surtos, sendo esporádicos, até agora não ameaçavam maior número de pessoas.

Esta a razão, talvez, de a indústria não ter se interessado em divulgar formas de combater a doença. Como sempre ocorreu, a África serve de laboratório de estudos da enfermidade e não é beneficiada por eles porque não representa um mercado comercial.

Oxalá a crise atual seja a oportunidade para fazer o que não foi feito em circunstâncias normais.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Fabiano Guerra

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Política: Carla Kreeft

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

PARLAMENTARES FEDERAIS BRASILEIROS
CUSTAM MAIS DE R\$ 1 BILHÃO POR ANO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

O fim do azulejo, um ícone belo e antigo de arte decorativa

A prefeitura e o Estado têm de manter viva a arte da azulejaria!

Na semana passada, no Antiquário Azulejos – rua de Santaninha, 258, São Luís (MA) –, soube que não há mais fabricantes de azulejos no Brasil há uns dez anos e que, de lá para cá, comercializavam sobra de estoque, mas agora acabou!

Insisti. A moça que me atendia foi breve: “Só há um jeito de comprar azulejos da linha colonial (antigos) e/ou azulejos fora de linha (fabricados há uns 20 anos), que é em antiquário/ceemitério de azulejos, em quantidade pequena e a um preço bem salgado”.

Repeti: “Quero nove metros de azulejos de várias cores: branco, amarelo, azul, vermelho, preto e verde para revestir uma lavanderia com uma arte em azulejos quebrados”. Após dois dias acessando sites e telefonando, a resposta foi igual nas lojas de material de construção: “Senhora, não temos, não se usa mais, saiu de moda! Agora só porcelanato, bem mais barato!”. Senti minha velhice ali. E arrematavam: “Não há mais azulejos como antigamente” (Ai, como sou caduca!).

Resumo da ópera: não é mais possível revestir banheiro, lavanderia, copa ou cozinha com azulejos, imagina a fachada, como era costume em São Luís! Pras cucuias os valores funcional (proteção contra sol e chuva excessivos) e estético (expressão ornamental, artística e plástica em painéis e revestimento de paredes). Ao processar a dolorosa má notícia, fui ficando sem chão ao constatar que, no mercado globalizado, o azulejo virou obsoleto e foi extinto!

Mas como? Por quê? A palavra “azulejo”, do árabe “Al-zulajj”, quer dizer

“pequena pedra polida” e remonta às primeiras civilizações, além de ser tão lindo! Quem precisar reformar ambientes azulejados não terá mais como, pois até os cemitérios de azulejos em breve deixarão de existir! Dá pra imaginar o desastre?

Como a gloriosa história do azulejo acaba assim, sem choro e sem vela? De origem oriental, o azulejo para revestir paredes foi disseminado pelos impérios muçulmanos. Os mouros o levaram para a península Ibérica. No século XVI, em Portugal, “a arte de azulejar foi total-

mente abraçada e se transformou em expressão cultural nacional”, no formato quadrangular, com 14 centímetros. No Brasil Colônia, azulejos portugueses e holandeses foram incorporados à arquitetura de diferentes modos, mas só no século XIX começaram a ser produzidos aqui.

Em meu romance “A Hora do Angelus” (Mazza Edições, 2005), cujo cenário é a cidade de São Luís, escrevi: “Afirmo-lhe que essa cidade, fundada em 1612, na ilha de São Luís, ladeada pela baía de São Marcos, o estreito dos Mosquitos e o oceano Atlântico, que vai sussurrando do rio Bacanga ao rio Anil, e com seus azulejos e vitrais, é, sim, a França equi-

nocional, a única cidade do Brasil que é genuinamente francesa, mas, ao mesmo tempo, tão lusitana, com sobrados de azulejos portugueses da colônia asiática de Macau e seus mirantes belíssimos. (...) As melhores cidades da França são Paris, na Europa, e São Luís, na França equinocial, com mais de 3.500 edificações, datadas dos séculos XVII e XIX, com suas ladeiras, inúmeros becos e ruas estreitas e praças. Ele amava o calçamento em pé de moleque, as pedras de cantarias, os sobrados de azulejos e seus mirantes de um romantismo ímpar”.

Impressionada com o fim dos azulejos, disse ao amigo Rafael Calvão Barbutto, que estava comigo na peregrinação por azulejos, que nunca cogitei não encontrá-los na cidade dos azulejos! Não imagino um mundo sem azulejos! Em São Luís, a resposta cabe ao poder público: a prefeitura e o governo do Estado têm de manter viva a arte da azulejaria!

